

**Por trás das grades e à frente do *fandom*:
Um olhar sobre ativismo de fãs e Orange is The New Black¹**

Lucas Dias CORRÊA²

Patrícia AZAMBUJA³

Universidade Federal do Maranhão, São Luis, MA

RESUMO

Através dos tempos, o fã tem desempenhado diversos papéis, em diferentes cenários, mas sempre se reconfigurando à medida que é necessário. Mais recentemente, temos vivenciado uma dessas reconfigurações, onde o fã, usando sua posição, consegue exercer também a função de um ativista, usando as ferramentas que tem ao seu favor (o conhecimento do objeto ao qual idolatra, de questões igualitárias), para exigir mais representação e visibilidade de certas causas sociais. O artigo a seguir se propõe a falar como é esse ativismo de fãs contemporâneo, através de um olhar sobre do *fandom* de Orange is The New Black.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo de Fãs; Fandom; Diversidade; Orange is The New Black.

INTRODUÇÃO

Ativismo, em um pensamento mais generalizado, refere-se à luta em prol de uma causa ou ideia, comumente visualizada em organizações, como ONGs, ou coletivos políticos; e exercida através de atos físicos, como protestos ou greves. Em uma época onde os dispositivos digitais de comunicação possibilitaram que os canais de envio e retorno de mensagem se tornassem cada vez mais instantâneos, contudo, conceituar assim é extremamente limitado. As formas de como militar alguma causa social estão em constante transformação e multiplicação. A que talvez que mais tenha ganhado visibilidade nos últimos tempos é o ciberativismo.

Segundo Sérgio Amadeu da Silveira (2010, p. 1) “Por ciberativismo podemos denominar um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet”.

¹ Trabalho submetido ao Intercom Jr. na Área 05 – Rádio, TV e Internet, do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro – RJ.

² Estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social/UFMA - habilitação Rádio e Televisão e Bolsista de Iniciação Científica, PIBIC – UFMA/FAPEMA. Email: lucasdiascorrea@outlook.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social - UFMA. Coordenadora do projeto de pesquisa *Comunicação Expandida: entre mudanças de comportamento e possibilidades de novas produções* e Bolsista de Produtividade em Pesquisa – Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa no Maranhão/ FAPEMA. Email: patriciaazambuja@yahoo.com.br.

Ou seja, impulsionados pelas novas possibilidades proporcionadas pela contemporaneidade, não há mais a necessidade de um espaço geográfico, de uma organização física ou mesmo de um grupo de pessoas. Militar qualquer causa agora é possível apenas com um clique na tela do seu *smartphone*. E a mudança nesse hábito não se limita somente ao modo como é realizado, mas também em que contexto. O ativismo – seja em sua versão tradicional ou *ciber* – geralmente tem um cunho estritamente político. Hoje em dia, contudo, essas linhas começam a se borrar a ponto de não haver mais necessidade de se prender somente a uma vertente.

A interface entre os meios de comunicação e as práticas ativistas começa a complexificar não só a formulação de um conceito operacional, mas também a compreensão do fenômeno como um todo. Pela multiplicidade de ferramentas atualmente disponíveis à coordenação social e pelas amplas possibilidades de apropriação política, o ativismo, como diversos aspectos da sociabilidade humana, transita por um processo de transformação. As ações coletivas, agora inseridas no ambiente da comunicação mediada por computador, readaptam as suas estruturas de poder e de coordenação de ações. Diversas características naturais à Internet, como a possibilidade de comunicação síncrona e assíncrona, oferecem uma profunda transformação às dinâmicas. (BATISTA, 2012, p. 22)

Os contextos variam imensamente, podendo eles pertencer agora a vieses culturais, acadêmicos etc. Nesse artigo, falaremos precisamente de um que vem ganhado muito espaço na mídia ultimamente: o ativismo de fãs.

O objeto escolhido como base foi à série da Netflix *Orange is The New Black* que, no dia 26 de junho, estreou sua terceira temporada, recebendo uma nova leva de treze episódios no serviço *sob-demanda*. Tal escolha foi feita não somente pelo *hype* que seguiu essa estreia, mas também pela mesma ser conhecida por tratar de temas que anteriormente eram negligenciados ou caricaturados na televisão americana – como encarceramento feminino, papéis de gênero etc.

Para a análise da execução desse ativismo de fãs, foi feita uma observação no período anterior lançamento até alguns dias depois de *tweets* lançados com comentários sobre a série, das práticas desses fãs em relação às tramas desse terceiro ano; e de *posts* lançados em fã sites especializados em ativismo ou não, usando como base conceitos de autores conhecidos em seus estudos de fã, como Matt Hills (2002; 2015) ou Henry Jenkins (1992).

ATIVISMO DE FÃS: UMA NOVA CONFIGURAÇÃO

O senso comum prega que o fã é aquele membro do sistema que, ocioso politicamente, gasta o seu tempo em atividades inúteis – como idolatrar algo ou alguém – e cujo único papel econômico relevante é a compra de merchandising. Apesar de tais afirmações não estarem completamente erradas, elas não são uma verdade absoluta. De uma forma única, o fã é capaz de se reconfigurar sempre que o se faz necessário; fazendo com que sua presença se torne crucial nos mais diversos cenários, sejam esses políticos, sociais, culturais etc. Em uma entrevista a Clarice Greco, para a revista MATRIZES, Matt Hills – autor de *Fan Cultures* – diz:

O fandom é realizado de maneira diferente e pode significar diversas coisas em distintos microcontextos, em diferentes momentos de interação social, e até mesmo em plataformas distintas. Ser um fã no Tumblr pode significar uma coisa, ser um fã numa convenção pode significar outra. Pode haver muitos tipos diferentes de fandom, indo muito, muito além da noção de (fandom) afirmativo versus (fandom) transformativo como uma problemática binária. Podem existir todas as espécies de diferentes tipos, modos, níveis e hierarquias de fandom, que podem ser desempenhados de formas variadas. (HILLS; GRECO, 2015, p. 149)

Um dos contextos que fãs estão constantemente sendo vistos, ultimamente, é o de ativismo virtual. Apesar da visibilidade que as novas mídias têm dado a esse grupo, lutar por algo que você ame, na sua posição de fã, não é algo tão recente. Em um primeiro momento, contudo, esse dito “ativismo de fãs” não necessariamente significava lutar por causas sociais. Um pouco longe disso, na verdade, os fãs que praticavam tais atividades tinham como objetivo principal salvar seu programa favorito do cancelamento, através da organização de *crowdfundings* – ou “financiamento coletivo”, em tradução livre – que, segundo Adriana Amaral (2015, p. 9) “[...] permite que projetos sejam viabilizados graças à contribuição de fãs, seja ela expressiva ou pequena”. A evolução desse ativismo se deu, segundo Tanya Cochran (2012), quando os fãs começaram a perceber que tais projetos davam certo, o que lhes dava potencial para fazer algo ainda maior.

Recentemente, entretanto, o fenômeno do ativismo de fãs tomou uma nova dimensão, e jovens estão começando a tomar nota ao perguntar diversas perguntas importantes, como: O que causou a mudança de “salvar meu programa favorito” para “apoiar minha campanha sociopolítica favorita?” (COCHRAN, 2012, tradução do autor)

Depois dessa evolução, este começou a ter um novo significado. Segundo Henry Jenkins (2012), em um artigo para o periódico *Transformative Works and Culture*, agora:

[...] se refere a uma forma de engajamento cívico e participação política que emerge de dentro da própria cultura do fã, constantemente responsável pelos interesses compartilhados deles; constantemente conduzido pela infraestrutura das práticas e relações de fãs já existentes; e constantemente feita através de metáforas, rabiscadas da cultura popular e da participação. (JENKINS, 2012, tradução do autor)

Antes da internet, contudo, essa forma de cumprir a responsabilidade social acontecia da forma mais clássica: através organizações sociais físicas. Uma das mais populares é a *Harry Potter Alliance* que, seguindo os preceitos de igualdade e responsabilidade pregada por J. K. Rowling nos livros sobre o bruxinho, tem conseguido diversas conquistas – algumas das que estão listadas no site deles incluem a arrecadação de 123 mil dólares para o envio de suprimentos para o Haiti, de mais de 200 mil livros para doação e construção de livrarias em países africanos, entre muitas outras.⁴

Grande parte dessa mobilização, contudo, não teria acontecido se não fosse à expectativa de cumprir algo que deixaria o próprio Harry orgulhoso. De fato, Cochran (2012) diz que a popularização da militância entre os fãs ocorreu mais porque esta não tem mais a imagem enfadonha e caricata de “rebeldes transgressores”, mas agora um cunho de luta em prol do bem, de forma leve e divertida. A democratização da internet e a inclusão digital tornou tudo ainda mais simples: pela primeira vez foi possível realmente fazer a diferença sem sair de casa. E isso não se limitava a uma ajuda social, mas também a conscientização e desconstrução de preconceitos – papel muito bem desempenhado pelo site *Race Bending*, que defende igualdade no entretenimento⁵; ou seja, mais visibilidade e representação étnica na mídia. Veremos, adiante, que essa forma específica de fazer ativismo é a mais comum entre os fãs de *Orange is The New Black*.

⁴ Lista disponível em: <<http://thehpalliance.org/what-we-do/success-stories/>>. Acesso em Jul 2015.

⁵ Informações disponíveis em: <<http://www.racebending.com/v4/about/>>. Acesso em Jul 2015.

DIVERSIDADE É O NOVO PRETO

Antes de passarmos para a análise, contudo, vamos falar um pouco sobre o objeto escolhido. *Orange is The Black* é uma série norte-americana que estreou em 2013, pela Netflix – sendo uma das primeiras originais que teve a temporada inteira disponibilizada no serviço *on-demand*, revolucionando a forma como se vê televisão nos dias atuais (conceitos já abordados em outro artigo de minha autoria). Foi criada por Jenji Kohan, que já havia tratado de temas tabus na sua série anterior, *Weeds* (Showtime); e é uma adaptação do livro “*Orange is The New Black: My Year in a Women’s Prison*” de Piper Kerman.

Conta a história de Piper Chapman (Taylor Schilling), uma jovem branca de classe média que é indiciada por um crime que cometeu dez anos antes, enquanto namorava Alex Vause (Laura Prepon). Na época, Piper carregou uma mala de dinheiro cuja origem vinha do narcotráfico, a pedido de Alex. Ela acaba, então, na prisão fictícia de Litchfield, em Nova York, aonde vai se deparar com uma realidade inteiramente diferente da qual estava acostumada previamente.



Figura 1 – Piper chegando à prisão. Fonte: OITNB Wiki.

A série alterna constantemente entre flashbacks da vida de Piper e das outras detentas, e sua atual situação; geralmente fazendo uma ponte entre os dramas que elas viviam antes da prisão, e como estes construíram suas personalidades atuais. Conhecida por tratar de temas polêmicos e pouco explorados na televisão norte-americana, temos logo em sua primeira temporada diversas protagonistas que, além de serem do sexo feminino, são negras ou de etnias orientais; personagens LGBT; uma extremista religiosa. Aborda temáticas como narcotráfico, tráfico dentro de prisões, relacionamentos conturbados, papéis de gênero, aborto – tanto materno quanto paterno – dentre muitos outros.

Além destes, acompanhamos a adaptação de Piper a realidade das prisões femininas dos Estados Unidos que, negligenciadas, deixam suas detentas em situações de perigo mental, vulneráveis fisicamente, e em condições de vivência inumanas – como visto em episódios onde, para não correr o risco de pegar alguma doença no chão banheiro, elas precisam criar uma “sandália de absorventes”.⁶ De uma forma geral, a série foi um marco para dar visibilidade e representação a diversos grupos sociais que não encontravam espaços em outras ficções audiovisuais (ou mesmo na mídia em geral). E, também, para conscientizar pessoas de modo que o ativismo de fãs no *fandom* de *Orange is The Black* se tornasse cada vez maior, como veremos adiante.

⁶ O episódio referenciado é o primeiro, da primeira temporada, intitulado “I Wasn’t Ready” (Eu não estava pronta). Nele, a protagonista (Piper), ao tomar seu primeiro banho em conjunto; recebe a dica de outra detenta (Taystee) sobre criar uma sandália com absorventes, para não correr o risco de pegar alguma doença no piso de limpeza duvidosa da prisão.

O FANDOM E A MILITÂNCIA

De uma forma geral, o ativismo de fãs dentro do *fandom* de *Orange is The New Black* não acontece da forma mais clássica. Não existe, por exemplo, um grupo específico de pessoas que se dispôs a organizar discussões sobre as questões abordadas pela série. Esse ativismo se configura de uma forma totalmente diferente; geralmente, no individual. Ou seja, cada pessoa cumpre seu papel ao identificar e desconstruir os preconceitos exibidos pelos fictícios, no mundo real.

Não é muito difícil identificar a problemática social tão comumente abordada nas tramas da série, já que constantemente temos *flashbacks* da vida anterior das personagens, estas lidando com uma realidade cruel e verdadeira, como as dos guetos do Estados Unidos – comumente formado por negros e latinos, e totalmente segregado da parcela branca da população – ou mesmo da realidade feminina que, vulneráveis a uma sociedade patriarcal, sofrem opressão simplesmente por existir.

Esses tópicos comumente são tragos à tona em discussões em redes sociais. Como já citado anteriormente, militar uma causa se torna mais prazerosa quando perder aquele clima de “rebelião” ou “transgressão”, agora se tornando uma atividade que, além de prazerosa, também é importante. Acaba, então, virando uma atividade que é quase cotidiana para grande parcela da população: debater sobre tramas e personagens de um seriado.

esse primeiro episodio de oitnb foi
tão bom
a parte que falam sobre a
legalização do aborto muito
importante
11/06/15 23:22

tão importante oitnb falando
sobre aborto logo no primeiro
episodio né <3 gostei muito
12/06/15 17:01

Figura 2 – *Tweets* sobre tópico abordado. Fonte: *Twitter*.

Como é possível perceber já na **Figura 2** acima, além do cunho de entretenimento trazido consigo, pelo fato de ser um seriado, ele ainda tratou de assuntos importantes em relação à realidade feminina. Os membros do *fandom* (cujos nomes e *usernames* foram omitidos) que postaram os *tweets* se sentiram representados. E essa representação também faz parte de uma necessidade que essa parte de espectadores que, além de fazerem parte de uma “minorias social”, ainda precisam lidar com a televisão tratando somente com os membros que, normalmente, fazem parte da “maiorias social”.

O ativismo de fãs, nesse contexto, acaba tomando muito essa forma: de refletir, em redes sociais, sobre como o sistema ao qual estamos inseridos é, muitas vezes, simplesmente errado. A identificação com a visibilidade transgressora, que uma enorme parcela da população está inserida, foi talvez o trunfo que *Orange is The New Black* trouxe consigo e o impulso necessário, uma vez que os fãs só conseguiram identificar o erro na própria realidade em função do que houve na realidade da série.

Entretanto, essas reflexões não se limitam somente ao *Twitter* ou ao *Facebook*, por assim dizer. Ainda que estejam mais presentes nestes, elas acabam por se inserir em alguns outros contextos, como os dos blogs. A *review* do site *Nerdivinas*⁷ fala sobre como a série foi importante, pois veio “[...] tratar do sistema carcerário feminino nos EUA, questões sociais, raciais e de gênero, desconstrução de estereótipos, diálogos inteligentes e sem brechas para clichês e o mais importante: o elenco muito bem escolhido.” (nerdivinas, 2013).

E, não só em um contexto seriador, mas também sobre visibilidade social, tivemos outro blog, o *Blogueiras Feministas*⁸ que, como o próprio nome diz, são um grupo de garotas que se dispuseram a *blogar* em prol da comunidade feminina e do movimento feminista. Para elas, a série é importante pois “[...] Além da diversidade sexual, de gênero, raça e faixa etária, é possível ver também uma diversidade de corpos pouco vista em outras séries com grande participação feminina.” (blogueirasfeministas, 2014).

No contexto da sua terceira temporada, tivemos a trama que envolvia uma detenta (Daya) e um guarda (Bennett). Os dois, durante os anos anteriores da série, se envolvem; o que causa a gravidez dela. Ele, contudo, jura que vai ficar ao lado dela enquanto tudo acontece. Mas na realidade não foi assim, e Bennett acaba abandonado seu filho não nascido e sua “namorada”, depois de ter se assustado com a possibilidade de criar um bebê sozinho. No blog *Proibido Ler*⁹ também especializado em cultura pop, tivemos um importante texto sobre como relatos como esse vai além da ficção “[...] A verdade é que, assim como Daya, muitas mulheres ao redor do mundo são iludidas e acabam sozinhas, sangrando, com um bebê nos braços e sem saber o que fazer. Apenas no Brasil são 5,5 milhões de crianças sem pai no registro, tampouco na vida.” (proibidoler, 2015).

⁷ Disponível em: < <http://nerdivinas.com/2013/08/01/orange-is-the-new-black-novo-seriado-que-promete/>>. Acesso em Jul 2015.

⁸ Disponível em: < <http://blogueirasfeministas.com/2014/07/orange-is-the-new-black-a-novidade-feminista/>>. Acesso em Jul 2015.

⁹ Disponível em: < <http://www.proibidoler.com/tv/orange-is-the-new-black-bennett-daya-e-o-aborto-paterno/>>. Acesso em Jul 2015.

Todos esses casos podem ser explicados nas palavras de Matt Hills, que diz: “Creio que em muito o *fandom* relaciona-se a representar uma identidade, é sobre um sentido para o eu, sobre afeto, em termos de atuar num nível emocional, subjetivo.” (HILLS, 2015, p. 150). Ou seja, como já dito, a identificação é um fator crucial em relação ao ativismo de fãs que, percebendo a própria realidade através desse “espelho” que é a ficção, conseguem saber, agora, o que está errado; e, logo, lutar para que tal quadro mude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, então, podemos perceber que o aumento desse ativismo de fãs foi gradual, mas marcante; uma vez que tem se tornado mais comum nos dias de hoje que os espectadores de televisão e cinema, ou apreciadores de entretenimento em geral, tenham uma consciência mais crítica daquilo que estão recebendo; não se limitando a aceitar o que é imposto. E, não só isso, eles também começam a exigir a presença de diversidade, visibilidade e representação correta naquilo que amam. Brough e Shresthova (2012) dizem que os ativismos entre os consumidores de mídia e fãs, hoje, são “[...] mais visíveis do que nunca; e as linhas entre esses e as atividades cívicas e políticas tradicionais, estão ficando mais borradas à medida que há o aumento da mídia “participatória” atual e na paisagem do entretenimento.” (tradução do autor)

Enquanto fãs de *Orange is The New Black* se deleitam no fato de que a série parece suprir a maior parte dessa defasagem que existe na televisão norte-americana, outros fazem campanhas e protestos virtuais (como é o caso da escolha do protagonista Danny Rand para a futura série da Netflix, *Punho de Ferro*)¹⁰, exigindo que o universo das séries, filmes e qualquer outra ficção audiovisual – por mais fantasioso que seja – comece a exibir a realidade do jeito que ela é: diversificada, miscigenada e real; e não apenas como uma sombra eurocêntrica e dominante. Por isso, a série – e a militância que lhe seguiu – foi importante: de certa forma, ela abriu os olhos dos espectadores que, com alguma sorte, vão começar também a militar e transformar o âmbito televisivo de forma que este seja mais próximo da nossa realidade.

¹⁰ Segundo o site *Proibido Ler*, a Marvel Studios precisa de um ator asiático para interpretar o seu icônico personagem Danny Rand. Este nunca teve indícios de ser asiático na sua versão original, nos quadrinhos, mas o *post* usa como argumento a necessidade existente de diversidade. Notícia completa disponível em: <<http://www.proibidoler.com/tv/por-que-a-netflix-precisa-de-um-punho-de-ferro-asiatico/>>. Acesso em Jul 2015.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira; MONTEIRO, Camila. “De Westeros no# vempraru à shippagem do beijo gay na TV brasileira”. *Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital*. **Galáxia**, n. 29, p. 141-154, 2015.

BATISTA, J. C. **Apropriações ativistas em sites de redes sociais: cartografia das ações coletivas no twitter**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2012.

BROUGH, Melissa; SHRESTHOVA, Sangita. *Fandom meets activism: Rethinking civic and political participation*. **Transformative works and cultures**, v. 10, 2012.

COCHRAN, Tanya. “Past the brink of tacit support”: *Fan activism and the Whedonverses*. **Transformative Works and Cultures**, v. 10, 2012.

HILLS, Matt. **Fan cultures**. Psychology Press, 2002.

_____; GRECO, Clarice. *O fandom como objeto e os objetos do fandom*. **MATRIZES**, v. 9, n. 1, p. 147-163, 2015.

JENKINS, Henry. “Cultural acupuncture”: *Fan activism and the Harry Potter Alliance*. **Transformative Works and Cultures**, v. 10, 2012.

_____. **Textual Poachers: television fans & participatory culture**. New York: Routledge, 1992

KERMAN, Piper. **Orange is The New Black: My Year in a Women’s Prison**. New York: Spiegel & Grau, 2010.

SILVEIRA, S. A. *Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo*. **Revista USP**, n. 86, p. 28-39, 2010.